

2. Aspectos teórico-metodológicos

Com a finalidade de embasar cientificamente as observações obtidas nesta pesquisa através da descrição da **roda de capoeira** e da aplicação dos questionários, serão introduzidos neste capítulo diversos conceitos teórico-metodológicos relacionados aos estudos de interculturalismo e à metodologia de pesquisa empregada.

Primeiramente, serão apresentadas as definições dos termos **cultural**, **intercultural** e **multicultural** segundo Janet Bennett (2009). A seguir, o conceito de competência intercultural será desenvolvido a partir da mesma autora e de Michael Byram (2009).

Os demais conceitos relacionados à cultura como **cultura objetiva** e **cultura subjetiva** de Milton Bennett (1998), o conceito de cultura como comunicação de Edward Hall e seus conceitos de tempo, espaço pessoal e alto e baixo contexto, além do modelo de categorização de culturas de Richard Lewis e as dimensões culturais de Geert Hofstede serão apresentados na sequência.

Quanto à metodologia, o design da pesquisa qualitativa e descritiva com aspectos etnográficos será pormenorizada ao final deste capítulo.

2.1. Definição dos termos cultural, intercultural e multicultural

A definição de cultura é muito abrangente, portanto, é de suma importância que os termos a ela relacionados que serão recorrentemente citados durante esta pesquisa estejam definidos de acordo com as escolhas teóricas da mesma.

De acordo com J.M. Bennett (2009, p.126, tradução nossa), o termo **cultural** é empregado quando “descrevemos generalizações culturais sobre os atributos de uma pessoa com a qual interagimos ou sobre uma cultura sobre a qual estamos conduzindo uma pesquisa”. A autora ainda se refere ao uso constante de “estruturas antropológicas, lingüísticas ou psicológicas como nossos mapas culturais”.

O termo **intercultural**, tradução do conceito em inglês *cross-cultural* pressupõe interação entre duas ou mais culturas. J.M. Bennet (2009, p.126,

tradução nossa) argumenta que fazemos uso do que chama de ferramenta de posicionamento intercultural quando o nosso foco é a:

Interface entre dois ou mais indivíduos de diferentes mapas culturais com o objetivo de desenvolver uma estratégia para integrar seus valores, suas crenças e comportamentos de modo a ampliar a eficácia da interação entre eles.

Já quando há coexistência de duas ou mais culturas, independentemente de haver ou não interface entre esses diferentes mapas culturais, usa-se o termo **multicultural**.

Uma sala de aula com alunos internacionais de diferentes origens, por exemplo, pode ser considerada uma realidade multicultural devido à presença de diferentes padrões sociais. Entretanto, se não há interação bem sucedida entre estes, não há interculturalidade. (PARANHOS, 2011, p. 15)

2.2. Competência Intercultural

De acordo com J.M. Bennett (2008 *apud* J.M. BENNETT, 2009, p. 125, tradução nossa), apesar da existência de várias definições e teorias, há um consenso emergente sobre o que constitui a competência intercultural: “um conjunto de habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais e características que apoiam uma interação efetiva e apropriada em uma variedade de contextos culturais”.

Para compreender a construção do processo de construção da competência intercultural, a mesma autora lança mão da metáfora do GPS (Global Positioning System – Sistema de Posicionamento Global). O funcionamento desta tecnologia cada vez mais presente nos nossos dias consiste no uso de pelo menos três satélites ao mesmo tempo para aferir precisamente a sua localização no espaço. Esse processo de triangulação é exemplificado com indicações de diferentes satélites apontados para pontos diversos que determinariam a posição exata de alguém em San Diego, Califórnia. Para chegar a essa informação, um satélite daria a localização com relação a Los Angeles, outro a Phoenix e outro a Tijuana (J.M. BENNETT, 2009, p. 125).

A partir da definição acima, J.M. Bennett (*idem* p.126) afirma que para identificar nossa própria posição cultural no contexto dos outros, devemos traçar

um paralelo com o GPS, utilizando múltiplos mapas culturais (quadros contrastivos/comparativos entre culturas) como uma ferramenta para acessar nossas próprias visões relativas a outras no que ela denomina **Sistema de Posicionamento Intercultural** (tradução do original **Intercultural Positioning System**).

Esse tal sistema baseia-se em quatro passos: promover atitudes que nos motivam, descobrir conhecimento que nos informa sobre a nossa cultura e a do outro, avaliar o desafio e apoiar fatores que afetam a nossa adaptação, desenvolver habilidades que nos permitam interagir de forma eficiente e adequada (idem, p. 125).

O primeiro uso desse sistema serve para nos localizarmos e desenvolver nossa própria autoconsciência intercultural através do entendimento dos nossos padrões culturais, para só então podermos começar a explorar a lacuna entre os nossos valores, crenças e comportamentos e o dos outros (idem, p. 127).

No que tange ao ensino de línguas, Byram (1997 apud BYRAM, 2009, p. 322 e 323) desenvolveu um modelo baseando-se nos fins pedagógicos do ensino de língua estrangeira obrigatório na educação formal, que, por sua vez, contemplava o que eles denominaram **consciência cultural crítica**, inspirado no modelo da educação alemã tradicional que encorajava seus alunos a refletirem criticamente sobre os valores, crenças e comportamentos da sua própria sociedade. Em língua estrangeira, isso é feito a partir de estudos comparativos entre sociedades.

Essa consciência cultural crítica, também conhecida em Francês por *savoir s'engager*, pode ser definida como “a habilidade de avaliar criticamente e, com base em critérios explícitos, perspectivas, práticas e produtos na sua própria cultura e em outras culturas e países” (BYRAM, 2009, p. 323, tradução nossa).

O mesmo autor afirma que professores de línguas devem planejar suas aulas incluindo objetivos, materiais e métodos que desenvolvam elementos específicos de competência intercultural e que esses mesmos “professores de língua precisam se tornar professores de língua e cultura” (idem, p. 331, tradução nossa).

2.3. Cultura Objetiva e Cultura Subjetiva

Segundo Bennett (1998), a definição de cultura pode ser dividida em dois conceitos de acordo com o que se está relacionando, **cultura objetiva** e **cultura subjetiva**. A primeira se refere à cultura institucionalizada, ao campo das artes, da literatura, do teatro, entre outras, incluindo os aspectos sociais, políticos, econômicos e o sistema linguístico de um povo.

O estudo destas instituições culturais (como Arte, Literatura e afins) costuma figurar nas ementas de cursos de cultura internacional e interculturalismo, como visto comumente no currículo do Curso de Letras em disciplinas como Cultura Brasileira, Literatura Inglesa, Tópicos da Cultura Portuguesa, entre outras.

No entanto, o conhecimento acerca da cultura objetiva de determinado povo pode não ser útil numa situação real de interação intercultural. Uma determinada pessoa “pode saber muito sobre a história ou a cultura e ainda não ser capaz de se comunicar com uma pessoa real daquela cultura. Entender cultura objetiva pode gerar conhecimento, mas não gera, necessariamente, competência” (BENNETT, 1998, p. 3, tradução nossa).

O conceito de **cultura subjetiva** diz respeito ao resultado das manifestações abstratas (crenças, valores, hábitos e, principalmente, a maneira como os falantes usam a língua) de determinado grupo social. Esse conceito é, portanto, qualificado pelas várias realizações de base psicológica que definem a conduta e o modo de pensar de uma determinada sociedade.

Essa definição de cultura representa mais o pensamento cotidiano e o comportamento de um grupo de pessoas do que as instituições criadas por elas.

A realidade social é construída tanto pela cultura objetiva quanto pela cultura subjetiva, uma vez que “as pessoas aprendem a se comportar através da socialização dentro das instituições da cultura, que as levam a se comportar de maneira a perpetuar aquelas mesmas instituições” (BENNETT, 1998, p. 3, tradução nossa).

Para fins metodológicos, é importante citar a preponderância da cultura subjetiva na comunicação intercultural e reafirmar o objetivo da presente pesquisa

em ilustrar como o entendimento da cultura subjetiva pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades na adaptação cultural e na comunicação intercultural.

2.4. Cultura e comunicação

Para Edward Hall (1988), cultura é um sistema de criar, enviar, emitir, armazenar e processar informações. Sua afirmação de que “cultura é comunicação” demonstra que existe uma relação muito estreita entre cultura e língua. Ainda que a língua seja considerada como o maior meio de comunicação, para o autor, cerca de 80% da informação que se recebe aconteceria de modo não-verbal, além de quase sempre ocorrer fora da nossa percepção.

O foco de seus estudos são as informações não-verbais de uma cultura, representada pelos atos comunicativos e pelas expressões não-verbais, motivadoras de grandes distorções encontradas nas relações de comunicação intercultural, é o que o autor define como **cultura escondida** (tradução de *hidden culture* no original).

Serão abordados três conceitos presentes nessa cultura cujo domínio proporcionará um melhor entendimento da comunicação intercultural, são eles o tempo, o espaço pessoal e o contexto.

2.4.1. Tempo

Hall reduz os vários sistemas de tempo a duas modalidades básicas: o **tempo monocrônico** e o **tempo policrônico** (tradução de *monochronic and polychronic Time* no original). O primeiro está associado a culturas cujo tempo é norteador do estabelecimento de prioridades e da organização da vida além de ser visto como algo palpável, que possa ser guardado ou perdido. Típico das culturas de origem anglo-saxônica, como a americana, prioriza os compromissos em detrimento das relações pessoais. As pessoas oriundas dessas sociedades pensam linearmente, concentram-se na realização de uma tarefa por vez, evitando interrupções e cumprem rigorosamente os prazos.

O **tempo policrônico**, por sua vez, estabelece exatamente o contrário às culturas que o adotam. Além de os indivíduos executarem muitas tarefas simultaneamente, os mesmos estabelecem profundas relações pessoais independentemente do ambiente. Por essa razão, compromissos previamente agendados podem ser preteridos em razão de um encontro pessoal, pois família e amigos têm prioridade. Nos negócios, tendem a criar relações afetivas com seus clientes, promovendo amizades duradouras, despertando um desejo mútuo de ser útil. As culturas da América Latina (e, por consequência, o Brasil) e árabe adotam esse sistema de tempo e as pessoas que vivem nele tendem a se preocupar mais com as pessoas mais próximas do que com sua própria privacidade, a ser suscetíveis a interrupções, a mudar de planos frequentemente e a considerar um compromisso marcado como um objetivo a ser cumprido, caso seja possível, e não como algo inalterável ou ‘sagrado’ como os que adotam o sistema de tempo monocrônico.

2.4.2. Espaço pessoal

O conceito de espaço pessoal é definido por Hall como a existência de uma bolha invisível ao redor de cada pessoa que se expande e se contrai de acordo com o nível de proximidade ou distanciamento entre as pessoas, o relacionamento entre elas, o estado emocional ou a bagagem cultural. Novamente, o autor discorre acerca de uma dicotomia entre a América Latina, onde a bolha é considerada menor, viabilizando maior proximidade e contato físico entre as pessoas, como é o caso do Brasil, e as culturas de origem anglo-saxônica, cuja bolha, por ser maior, demarcaria de forma bem definida um espaço mais amplo onde qualquer tentativa de proximidade além dessa barreira imaginária seria considerada invasiva ou até grosseira.

Essa proximidade decorrente da minimização da bolha pode ser evidenciada através das interações entre brasileiros, que incluem “gesticulação abundante, pouca distância corporal, contato olhos nos olhos, além dos famosos tapinhas nas costas, apertos de mão, abraços e beijos em inícios e encerramentos de conversa” (PORTO, 2006, p.57).

2.4.3. Contexto

O contexto é a informação que cerca um evento, que está intrinsecamente ligado com o significado daquele evento. Os elementos que se combinam para produzir um dado significado - eventos e contexto - são em proporções diferentes, dependendo de uma escala de alto a baixo contexto. (Hall 1981, apud Oliveira, 2001).

Assim como nos demais conceitos, Hall define contexto em duas categorias: **comunicação de alto contexto** e **comunicação de baixo contexto**. A última, mais adotada nas culturas de origem anglo-saxônica, caracteriza-se pelo uso sentido literal das palavras e o emprego direto do código, minimizando influências externas para o entendimento da comunicação.

A comunicação de alto contexto, caso do Brasil, preconiza informações não veiculadas no código lingüístico como distanciamento ou proximidade entre os falantes, faixa etária, status, linguagem corporal e ambiente. Não se considera somente a palavra falada, mas busca-se um significado além através das informações supracitadas.

2.5. O modelo de categorização de Lewis

Segundo Richard Lewis (2006, p.39), a categorização de uma cultura é necessária e óbvia porque nos permite prever padrões de comportamento de uma cultura; esclarecer por que indivíduos agem de determinada forma; evitar ofensas; buscar um tipo de unidade; padronizar políticas; perceber clareza e ordem.

O mesmo autor (2006) criou um modelo de categorização a partir da observação, pesquisa e avaliação de perfis culturais com informantes de sessenta e oito nacionalidades diferentes.

Em seu modelo, as culturas são classificadas em três categorias: **multiativas, ativo-lineares** e **reativas**.

Nas culturas **multiativas**, seus representantes valorizam família, hierarquia, relações, emoção, eloquência, persuasão e lealdade. Esses valores se

refletem no comportamento social e profissional e pessoas oriundas dessas culturas costumam apresentar características que as levam a ser consideradas: falantes, questionadoras e calorosas.

Lewis (2006, p. 30, tradução nossa) ainda corrobora afirmando que tais indivíduos não se interessam em pontualidade: “Fingem dar atenção a isso, especialmente se um colega de cultura ativo-linear insiste. Consideram a realidade mais importante que compromissos agendados pelo homem”.

Nas culturas **ativo-lineares**, entretanto, os indivíduos prezam fatos, planejamento, produtos, cronogramas, correlação de ações e palavras, instituições e leis. Tais valores são visualizados a partir do planejamento de suas vidas e, ainda, na orientação profissional, em outros órgãos e associações.

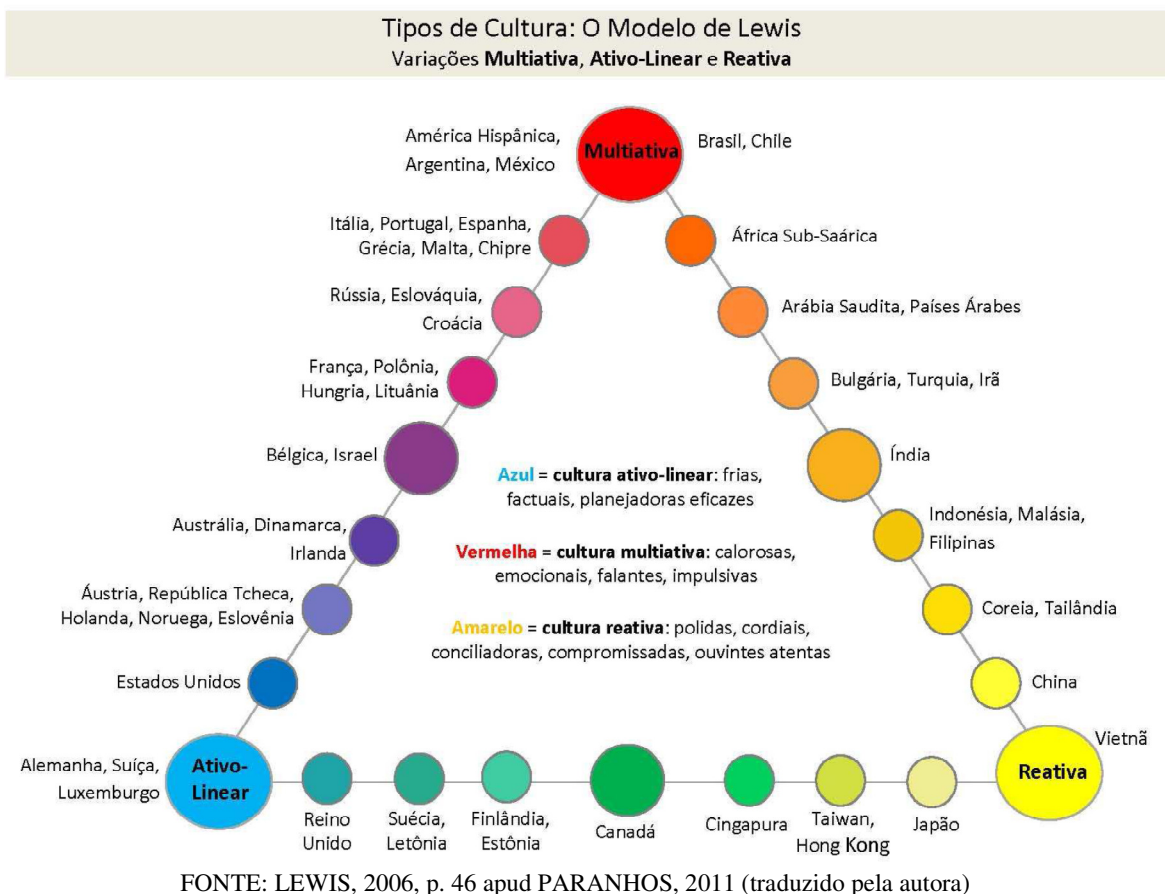
Ainda sobre essas pessoas, Lewis afirma que elas tendem a realizar uma tarefa por vez e de acordo com um período determinado, pois “acreditam que assim, serão mais eficientes e capazes de realizar mais tarefas” (idem).

Os representantes de culturas **reativas** valorizam a intuição, a cortesia, a rede de contatos, as obrigações comuns, a harmonia coletiva e a proteção da face. O comportamento social e profissional muito polido, o ato de evitar confrontos e a busca por relações harmoniosas corroboram tais características. Lewis ainda afirma que esses indivíduos “raramente iniciam uma discussão ou ação. Preferem ouvir e deixar que os outros se posicionem primeiro para, posteriormente, reagirem e formularem sua própria opinião e posicionamento” (LEWIS, 2006, p. 32, tradução nossa).

Das três categorias propostas por Lewis, a cultura brasileira se enquadra no conceito de **multiativa**. Porém, a exata localização à direita do vértice deste triângulo pressupõe uma tendência à aproximação da cultura reativa na formação da sociedade brasileira, como é possível verificar na figura 1, adiante.

Assim, a valorização da família, hierarquia, relações, emoção, eloquência, persuasão, lealdade, intuição, cortesia, rede de contatos, obrigações comuns, harmonia coletiva e proteção da face constituem características da sociedade brasileira que buscaremos encontrar ecos na capoeira.

Fig. 1: Tipos de cultura: o modelo de Lewis.



2.6. As dimensões culturais de Hofstede

A última abordagem sobre cultura empregada nesta pesquisa se refere aos estudos realizados por Geert Hofstede, através dos quais foram estabelecidos índices culturais por meio de análises estatísticas de entrevistas detalhadas com 100.000 funcionários da IBM, entre 1967 e 1973, inicialmente em 50 países, resultando na publicação de *Cultural's Consequences*, em 1980. Em 1991, Hofstede publicou a primeira edição do livro *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. Em 2005 foi publicada uma nova edição desse livro, com co-autoria do seu filho, Geert Jan Hofstede.

Ao longo de seus estudos, Hofstede deu ênfase aos principais padrões culturais e suas diferenças transnacionais, baseados nas diferentes formas de aprender a lidar com problemas semelhantes. Isso possibilitou descobrir que tanto administradores quanto funcionários podem ser situados ao longo de seis

dimensões de cultura identificadas por ele: distância de poder, individualidade, masculinidade, evasão de incerteza, longo prazo e indulgência.

Hofstede elaborou um ranking com todos os países pesquisados organizados sequencialmente de acordo com o número de pontos acumulados a partir da análise dos questionários aplicados. Em cada dimensão, de acordo com sua especificidade, um mesmo país pode ocupar posições diferentes revelando assim determinados valores.

Para este estudo especificamente, serão consideradas apenas as seguintes categorizações de cultura: Distância de Poder, Coletivismo VS Individualismo e Masculinidade VS Feminilidade.

2.6.1.

Distância de poder

Esta primeira dimensão, que também pode ser chamada de distância hierárquica, refere-se ao quanto os membros menos favorecidos de uma organização ou instituição (como a família) de um país aceitam e esperam uma distribuição desigual de poder na sociedade. A sua medição é realizada a partir dos sistemas de valores dos que têm menos poder.

A dimensão **Distância de Poder** está relacionada diretamente com a maneira encontrada por diferentes sociedades para lidar com a questão fundamental de gerir as desigualdades entre os indivíduos. Os índices de distância hierárquica subsidiam informações sobre as relações de dependência num determinado país. Nos países onde esse indicador é baixo, a dependência dos funcionários quanto às chefias é limitada, trata-se de uma interdependência entre chefe e subordinado, dando-se preferência ao estilo consultivo. Nesse sentido, a distância hierárquica entre ambos é pequena e os subordinados têm a liberdade de contradizer os seus superiores hierárquicos (HOFSTEDÉ, 1991).

Ainda segundo Hofstede (1991) subordinados e superiores se consideram desiguais por natureza quando se trata de contexto de grande distância hierárquica. Aquele que possui menos poder deve depender daquele que tem mais. As organizações dão maior importância à centralização do poder. Uma desigualdade existencial entre os indivíduos de maior e menor nível é refletida na hierarquia nas organizações, onde a cúpula e a base da organização são separadas

por elevadas diferenças. O chefe ideal, na concepção de seus subordinados, é autocrata benevolente, e a maioria destes espera que os chefes lhes digam o que fazer, eliminando a criatividade dos grupos de trabalho. Nesses ambientes, os subordinados esperam ser consultados para todas as decisões que afetem seu trabalho, aceitando que seja o chefe a decidir, em último caso. O chefe ideal é democrata, dotado e competente.

Ao conferir a posição do Brasil no ranking de distância de poder segundo Hofstede, verifica-se a 26ª posição dentre 74 países pesquisados, numa escala em que os primeiros lugares apresentam alto nível de distância de poder e os últimos, baixo nível de distância de poder. A posição do Brasil, portanto, indica uma tendência ao alto nível de distância hierárquica.

2.6.2. Coletivismo VS. Individualismo

Nesta segunda dimensão cultural de Hofstede (1991), são consideradas **sociedades coletivistas** aquelas nas quais o interesse do grupo prevalece sobre o interesse do indivíduo. O coletivismo é uma medida do quanto os membros de uma sociedade são responsáveis pelos que estão à sua volta. Ele dá uma ideia da discussão na qual as pessoas aceitam a interferência do grupo na determinação de suas vidas. Os indivíduos pertencem a uma ou mais comunidades das quais não podem se destacar. O grupo protege o interesse dos seus membros e espera destes, sua lealdade constante. O coletivismo ainda caracteriza as sociedades nas quais as pessoas são integradas, desde o nascimento, em grupos fortes e coesos, que as protegem para toda a vida em troca de uma lealdade inquestionável.

Nas **sociedades individualistas**, por sua vez, ocorre uma oposição às coletivistas, pois prevalece o interesse do indivíduo sobre o grupo. Assim, individualismo e coletivismo opõem-se entre si. Hofstede afirma ainda que o individualismo caracteriza as sociedades nas quais os laços entre os indivíduos são pouco firmes: cada um deve ocupar-se de si mesmo e da sua família mais próxima.

O Brasil obteve um escore de 38, o que significa que as pessoas deste país se agregam em grupos fortes e coesos (especialmente representados pela família estendida, incluindo tios, avós e primos) que continuam a proteger seus membros em troca de

lealdade. Esse é um aspecto importante no ambiente de trabalho, também. Espera-se que um membro mais velho e poderoso da família “ajude” um sobrinho mais novo a ser contratado na sua própria empresa. Nos negócios, é importante construir confiança e relações duradouras: uma reunião geralmente começa com conversas gerais para conhecerem uns aos outros antes de fazer negócio. O estilo de comunicação preferido é o de contexto rico, então as pessoas vão falar muito às vezes e escrever de forma elaborada. (HOFSTEDE, Geert. Disponível em <http://geert-hofstede.com/brazil.html>, acessado em 18 de abril de 2013, tradução nossa).

2.6.3. Masculinidade VS Feminilidade

No entendimento de Hofstede (1991), a dimensão masculinidade/feminilidade diz respeito ao grau em que a sociedade encoraja e recompensa comportamentos caracterizados por adjetivos masculinos ou femininos e divisões de papéis por gênero.

Os valores tradicionais sociais masculinos que predominam em sociedades com alto índice de masculinidade são: o herói é quem executa e realizar é mais importante do que estar, o grandioso é bonito sendo o pequeno deplorável; o vencedor é exaltado ocorrendo o contrário com o derrotado; as pessoas que são agressivas trazem admiração enquanto manter e buscar mais qualidade de vida e relacionamento é aspecto secundário.

A feminilidade, por sua vez, é uma medida do quanto as tarefas e características femininas são compartilhadas pelos homens de uma sociedade. Homens e mulheres em número aproximadamente igual constituem todas as sociedades humanas. No que diz respeito aos papéis assumidos na procriação, os homens e mulheres são biologicamente diferentes de forma absoluta. Os adjetivos masculinos e femininos, segundo o autor, são empregados num sentido relativo, fazendo referência ao papel social determinado pela cultura.

“Os comportamentos considerados masculinos ou femininos são diferentes não só nas sociedades tradicionais, mas também nas sociedades modernas. Isto é evidenciado quando é considerada a distribuição dos homens e das mulheres em certas profissões” (HOFSTEDE 1991, p. 101, tradução nossa). O autor encontrou uma tendência comum na maior parte das sociedades, modernas ou tradicionais, no que diz respeito à distribuição dos papéis sociais de acordo com o sexo. Os homens devem ser fortes e estar ligados às atividades exteriores ao lar, ao

contrário das mulheres que devem tratar do lar e das crianças, dos outros em geral. Os homens devem ser firmes, competitivos e duros. Ao contrário, as mulheres devem adotar um comportamento terno.

Ainda na opinião de Hofstede (1991, p. 103, tradução nossa) serão ditas masculinas as sociedades onde “os papéis são nitidamente diferenciados, o homem deve ser forte, impor-se e interessar-se pelo sucesso material, enquanto a mulher deve ser mais modesta, terna e preocupada com a qualidade de vida”. Pesquisas mostraram que as mulheres dão mais importância aos objetivos sociais, tais como relacionamentos, ajuda aos outros, e preservação do meio ambiente, e os homens dão mais importância aos objetivos do ego, tais como carreiras e dinheiro.

Culturas masculinas e femininas criam igualmente diferentes modelos de chefe. O chefe masculino revela autoafirmação, decisão, e é agressivo. Toma as suas decisões isoladamente, com base em fatos, mas do que apoiado na decisão grupal. Não tem importância que ele seja ligeiramente machista. Numa sociedade feminina, o chefe é o menos visível, atua mais por intuição do que por decisão e está habituado a procurar o consenso. Os dois tipos de cultura exigem, no entanto, que os chefes sejam pessoas de recursos dotados de uma inteligência e dinamismo acima da média (HOFSTEDE, 1991 p. 116).

Outro ponto destacado por Hofstede (1991) é que a evolução tecnológica e social permite às mulheres a participação na sociedade fora do lar. Ressalta que este processo é irreversível e o número de mulheres exercendo cargos de responsabilidade vai aumentar, podendo cada vez mais conservar os seus próprios valores femininos em detrimento dos valores masculinos. Humanizar um trabalho nas sociedades masculinas significa oferecer mais oportunidades de reconhecimento, promoção e possibilidades de enfrentar novos desafios. Já nas sociedades femininas, humanizar o trabalho consiste em oferecer mais oportunidades de ajuda mútua e de contatos sociais.

O escore de 49 nesta dimensão posicionou o Brasil bem no meio. Os aspectos mais suaves da cultura, como o nivelamento com os outros, o consenso, a simpatia pelo oprimido são valorizados e encorajados. Conflitos são evitados na vida pessoal e profissional e o consenso no final é importante. O status é exibido, mas isso vem mais da alta distância de poder. (HOFSTEDE, Geert. Disponível em <http://geert-hofstede.com/brazil.html>, acessado em 18 de abril de 2013).

2.7. Capoeira

A capoeira é uma manifestação cultural tipicamente brasileira, desenvolvida em território nacional por escravos africanos e seus descendentes. Declarada patrimônio cultural brasileiro em 2008, essa arte que hoje goza de certo prestígio já foi sinônimo de contravenção e seus praticantes, vítimas de preconceito e perseguição.

2.7.1. Um breve histórico

Criada durante a vigência da escravatura no Brasil, é impossível precisar uma data para o aparecimento da capoeira ou ainda relatar a sua origem com fidedignidade histórica documental. A oralidade, traço marcante da cultura africana, aqui também fora corroborada pelo analfabetismo da quase totalidade dos escravos, ficando a história do aparecimento da capoeira no Brasil limitada a poucos relatos muitas vezes transcritos de histórias contadas pelos próprios capoeiristas.

Provavelmente ainda no século XVI, a capoeira começou a ser desenvolvida a partir de rituais africanos como o *N'Golo* e a Dança da Zebra com o objetivo de camuflar um treinamento de luta através da música e da dança dentro das senzalas a fim de promover e viabilizar fugas para os quilombos que se formavam em diversas regiões. Devido a essa dinâmica, especula-se que a capoeira possa ter aparecido simultaneamente em diversas regiões do país para este fim.

São histórias de feitos heroicos dessa época que começam a povoar o imaginário da população com relação aos “capoeiras”. O próprio nome “capoeira” seria uma metonímia que se refere a um mato ralo onde os escravos armavam as emboscadas para os capitães do mato responsáveis em recuperar escravos. Com golpes de pés, mãos e cabeça de agilidade incomum, não era difícil aparecer histórias de capoeiras que conseguiram fugir e subjugar feitores e capitães do mato armados com garruchas (arma de fogo de apenas um tiro muito utilizada então).

Acredita-se que o jogo da capoeira como é conhecido hoje teve sua origem no século XIX. A figura do **negro de ganho** - escravos prestadores de serviço que

acumulavam pífio percentual do lucro obtido por seus senhores em funções como sapateiro, leiteiro, marceneiro, carpinteiro, entre outras - é importantíssima para explicar o então fenômeno urbano da capoeira.

Em cidades como Rio de Janeiro e Salvador, por exemplo, era comum que os negros de ganho usassem o berimbau e outros instrumentos de percussão para anunciar sua chegada nas localidades a fim de vender seus produtos. As reuniões dos negros de ganho eram embaladas por esse ritmo. Como muitos carregavam cestos denominados *kapu*, também eram chamados **capoeiros**, o que também é visto por alguns pesquisadores como a origem do nome **capoeira**.

Com a abolição da escravidão, os negros, então livres, não foram absorvidos como força de trabalho assalariado. O consequente aumento da criminalidade, saques e arruaças promovidos por desocupados e o aparecimento de facções criminosas (as maltas) que assombravam a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, fizeram com que a prática da capoeiragem fosse incluída no Código Penal, o que persistiu até a década de 30 do século XX. A origem do apelido dos capoeiristas remonta a essa época, pois através de seu uso, um membro de uma determinada malta passaria incógnito quando fora da roda de capoeira.

Getúlio Vargas, na busca de uma identidade nacional e do apoio das classes populares, vislumbrou nas religiões afro-brasileiras, no samba e na capoeira, possibilidades de marcos culturais nacionais. O carnaval e o samba foram organizados, as religiões reconhecidas e toleradas, e a capoeira, retirada do Código Penal e alçada ao posto de **arte marcial brasileira**.

A partir daí, foram criadas escolas de capoeira, que passou a ser praticada em recinto fechado, com uniformes, sistemas de graduação, metodologias de ensino, alcançando diversas classes sociais no país e, a partir dos anos 80, outros países mundo afora.

A capoeira deu a “volta do mundo”, literalmente [...]. A partir da década de 1980, começou a expandir-se pelo mundo, sendo praticada hoje por centenas de milhares de pessoas nos cinco continentes (VIEIRA & ASSUNÇÃO, 2008, p. 9).

É justamente no fenômeno de internacionalização da capoeira que há a interseção com o PL2E, uma vez que a capoeira, como já foi visto anteriormente,

é considerada por alguns meios de comunicação uma das, senão a maior divulgadora da língua portuguesa no mundo.

O Ministério das Relações Exteriores, na sua publicação “Textos do Brasil”, reservou uma edição inteira para a capoeira, na qual apresenta essa tal internacionalização como um fenômeno contemporâneo e corrobora a associação da prática da capoeira no exterior ao aumento do interesse pela Língua Portuguesa por parte dos capoeiristas estrangeiros.

Falar português nas aulas de capoeira é um requisito que opera como uma espécie de “selo de qualidade” e vem contribuindo para abrir campos de trabalhos antes impensáveis. O Hunter College, uma das mais tradicionais faculdades de Nova York, já oferece cursos regulares de português, em decorrência da demanda provocada pela capoeira (NUNES, 2001, apud FALCÃO, 2008 p. 127).

O ritual do Jogo da Capoeira é singular e a sua própria definição é um conceito pitoresco e não unânime entre pesquisadores e praticantes. Com o objetivo de dar mais fluidez ao texto e partindo do pressuposto de que a roda de capoeira é de notório conhecimento, serão reservados tanto o subcapítulo a seguir quanto os momentos de análise para descrições mais pormenorizadas do jogo propriamente dito.

2.7.2.

O Jogo da Capoeira numa perspectiva etnográfica

Há muitas descrições de origens folclóricas, acadêmicas e até poéticas sobre a Capoeira. Aqui, optaremos por uma descrição a partir da minha própria observação enquanto pesquisador-participante associada a uma breve compilação de citações de outros autores que já publicaram sobre o tema, numa perspectiva etnográfica que “prevê a opção, da parte do(a) pesquisador(a), por uma abordagem mais focada na investigação de aspectos particulares de práticas sociais e culturais de determinados grupos de indivíduos” (RODRIGUES, 2007, p.536).

A roda de capoeira é formada por dois elementos fundamentais: o jogo e a música. Indissociáveis, o primeiro é desenvolvido pelos dois capoeiristas dentro do círculo e o segundo os cerca através do canto, dos instrumentos e das palmas.

A roda se inicia ao som do berimbau gunga, o mais grave e com a maior cabaça (a caixa de ressonância do instrumento que se assemelha a um coco). Após esse instrumento, um a um os demais berimbaus, o atabaque, os pandeiros, o agogô e o reco-reco juntam-se harmoniosamente ao ritmo proposto pelo primeiro berimbau, empunhado pelo mestre responsável pela roda.

Somente após o estabelecimento da base rítmica proposta pela orquestra, o cantador iniciará a **ladainha**, “uma litania longa, uma narrativa introdutória que é entoada nas rodas de Capoeira Angola e que deve ser cantada por um mestre ou por alguém que tenha sua permissão ou respeitabilidade no universo da capoeira” (BARBOSA, 2001, p.2). Durante esse canto, os jogadores permanecem acorados ao pé do berimbau concentrando-se para participarem do jogo e ouvindo atentamente junto com os demais participantes da roda a mensagem contida na letra da ladainha.

Imediatamente antes do início do jogo de capoeira propriamente dito, o físico, há o que se chama de canto de entrada, o cantador entoa versos que devem ser repetidos por todos da roda como uma espécie de preparação para o jogo. Nesse momento, os capoeiristas podem ser aconselhados, advertidos, enaltecidos, além de “agradecer a Deus, falar de mestres e valores morais, descrever situações histórico-culturais [...]” (BARBOSA, 2001, p.2).

CANTADOR: Iê, faca de ponta!
 CORO: Iê, faca de ponta, camará...
 CANTADOR: Iê, quer me furar!
 CORO: Iê, quer me furar, camará...
 CANTADOR: Iê, viva meu mestre!
 CORO: Iê, viva meu mestre camará...
 CANTADOR: Iê, qui m’insinô!
 CORO: Iê, qui m’insinô, camará...
 (Domínio Público In: REGO, 1968).

Concomitantes ao início do jogo físico da capoeira, são cantados os **corridos**, cantigas bem curtas com um refrão repetido pelos demais participantes da roda após cada quadra proferida pelo cantador. É importante ressaltar que não há um consenso nesta definição e nem mesmo na nomenclatura das cantigas de capoeira. Carneiro (1975) afirma, por exemplo, que “os capoeiras também cantam chulas [grifo meu], entrecortadas por estribilhos”.

Eu vô dizê a meu sinhô

Qui a mantêga derramô

A mantêga não é minha

A mantêga é do sinhô

Eu vô dizê a meu sinhô

Qui a mantêga derramo

A mantêga não é minha

A mantega é de yayá.

(Em negrito, o refrão. Domínio Público In: REGO, 1968).

Descrever o jogo físico em si, em linhas gerais, é tarefa das mais árduas, uma vez que cada jogo é único, cada encontro entre dois capoeiristas proporciona um resultado diferente. “O jogo da capoeira desenvolve-se, portanto, como um diálogo, uma conversa de corpos abertos e fechados que se amoldam à coreografia das palavras” (BARBOSA, 2005, p.85).

A disputa é determinada pelo ritmo do berimbau, portanto, quanto mais rápido o ritmo empregado, maior a objetividade do jogo. O mais rápido deles é o São Bento Grande de Regional. Ambos os jogadores desferem chutes velozes diretos ou giratórios onde a habilidade de esquivar dos mesmos e de contra-atacá-los é valorizada. É possível desequilibrar o outro jogador durante o jogo com rasteiras, tesouras e bandas. Podemos afirmar que é o mais marcial dos ritmos, porém, não raro, movimentos acrobáticos sem maior objetividade são inseridos para fins de exibição.

Diametralmente oposto, a Angola é o mais lento dos ritmos e, embora pareça menos marcial, constitui o jogo com a maior quantidade de elementos a serem observados pelos jogadores. Aqui os movimentos rápidos são substituídos pelo deslocamento no chão, apoiados nas mãos e pés. Cada gesto possui significado e o contra-ataque tem função fundamental. A aparente displicência em certos movimentos é proposital para que se arme emboscadas durante o jogo.

Barbosa (2005, p.85) afirma que se pode descrever, grosso modo, o jogo da capoeira a partir de três movimentos: a ginga (em que o jogador se posiciona de pé), a negativa e o rolê (feitos ao nível do chão e que servem para se esquivar) e o aú (movimento invertido) que determinam as posições dos jogadores na roda e a direção do jogo. Além dessas três jogadas básicas há outras que servem para desarmar, ludibriar, desequilibrar e golpear o parceiro/adversário. Cada movimento pode, assim, se reverter em uma série de outros movimentos em que o/a capoeirista procura estabelecer um diálogo corporal com os parceiros/adversários, combinando ousadia com poder criativo e refletindo

matizes variados de uma mesma jogada. Pode-se dizer que o jogo de capoeira assemelha-se a uma partida de xadrez.

Alejandro Frigerio (1989), pesquisador argentino, propõe oito características que definem o jogo inicialmente descrito no parágrafo anterior: Malícia, Complementação, Jogo baixo, Ausência de violência, Movimentos bonitos, Música lenta, Importância do ritual e Teatralidade. Transcrito quase na íntegra no anexo 2.

Tais características aliadas aos demais componentes do Jogo da Capoeira serão analisados com o apoio teórico do interculturalismo através das ideias dos autores relacionadas anteriormente nesta pesquisa com a finalidade de corroborar a hipótese de que a prática da Capoeira por um estrangeiro, mesmo que fora do Brasil, promove um encontro do mesmo com aspectos da cultura brasileira que auxiliam na aprendizagem de PL2E.

A definição de Edward Hall sobre *hidden culture* (cultura escondida), explanada em anteriormente neste capítulo, enfatiza a importância do estudo das informações não-verbais de uma cultura ao afirmar que 80% da informação aconteceria desse modo.

Apesar de a função das cantigas de capoeira constituir a maior razão pela qual aprendizes de capoeira procurem aprender Português, participar da roda de capoeira propicia um contato com as concepções de cultura típicas da sociedade brasileira.

2.7.3.

Capoeira: cultura objetiva e subjetiva

A Capoeira pode ser considerada uma manifestação de cultura objetiva, sendo facilmente alçada à categoria de conhecimento enciclopédico da cultura brasileira ao lado das demais manifestações produzidas pela sociedade, como literatura, música, ciência, arte, língua, entre outras.

Um caso emblemático do uso da Capoeira como exemplo de manifestação de cultura objetiva aconteceu durante a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão de 2012, em Londres, quando houve a passagem da bandeira olímpica para o prefeito da próxima cidade-sede dos Jogos. Os diretores artísticos Cao Hamburger e Daniela Thomas incluíram a Capoeira na apresentação de

aproximadamente oito minutos que encerrou o evento. Samba, Gafieira e Moda também fizeram parte do espetáculo divulgando para o mundo outras manifestações de cultura objetiva brasileira.

Já os valores, as crenças, o uso da língua, os rituais e as situações de interação presentes no Jogo da Capoeira também propiciam um contato com aspectos da cultura subjetiva da sociedade brasileira que se fazem presentes na construção do grupo específico dos praticantes de capoeira, independentemente de suas nacionalidades.

É justamente essa descrição do Jogo da Capoeira numa perspectiva etnográfica, realizada neste capítulo, que fornecerá elementos para corroborar (ou não) a existência de características da sociedade brasileira que estejam presentes no jogo e possam auxiliar na aquisição de competência intercultural pelo praticante estrangeiro.

2.8. Metodologia da Pesquisa

A partir das necessidades apresentadas ao longo do processo de realização da pesquisa, a elaboração do seu design aconteceu de forma flexível privilegiando a participação do autor, a densa descrição etnográfica e a geração de dados a partir da aplicação de questionários.

2.8.1. A pesquisa qualitativa

Apesar de Seliger e Shohamy (1989) diferenciarem a pesquisa qualitativa da descritiva, porque a última é geralmente dedutiva em vez de ser heurística, por se iniciar com uma hipótese preconcebida e possuir um escopo de investigação mais restrito, podemos afirmar que este trabalho possui em seu desenho de pesquisa ambas as metodologias.

A pesquisa qualitativa aqui realizada pode ainda ser caracterizada como etnográfica, uma vez que foram seguidas as três etapas para a sua concepção, as quais, segundo Ludke & André (1986, p. 44), um pesquisador geralmente passa: a exploração, a decisão e a descoberta.

A **exploração** consiste na seleção e definição de problemas, na escolha do lugar onde será realizado o estudo e no estabelecimento de contatos para a entrada em campo. Neste ponto, é importante mencionar que a escolha da cidade de Nova Iorque ocorreu em função do estágio avançado em que a capoeira se encontra lá. Os dois mestres responsáveis pelos grupos visitados já se estabeleceram por lá há mais de vinte anos.

Em Nova York, os capoeiras brasileiros costumam reunir-se em praças e avenidas e, frequentemente, são vistos em documentários de televisão e espetáculos culturais. Em 1989, o Jornal do Brasil, em matéria intitulada “Capoeira para americano jogar”, já revelava os primeiros sintomas desse processo (FALCÃO, 2008, p. 125).

A **seleção** dos dados necessários para compreender e interpretar o fenômeno estudado foram aferidos através da minha própria observação e da revisão de literatura sobre a capoeira. A **descoberta**, ou seja, a explicação da realidade, ou a tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo, serão desenvolvidas mais adiante.

Ainda sobre o caráter etnográfico, Rodrigues (2007, p. 530) afirma que

todo trabalho de campo é interpretado a partir de comparações com teorias já existentes sobre o grupo ou comunidade social sob análise e, de igual modo, com base em documentos que contextualizam a história, a demografia, as ações políticas, as tendências econômicas e o sistema sociocultural da comunidade que o antropólogo está estudando por meio de observação participante (RODRIGUES, p.530).

2.8.2.

Pesquisa descritiva e questionários

Com relação ao aspecto descritivo deste estudo, a concepção da geração dos dados em campo foi determinante para esse desenho, pois os principais instrumentos de coleta de dados na pesquisa descritiva são: testes, questionários, relatórios e entrevistas.

Segundo Seliger e Shohamy (1989), os questionários são vantajosos por serem fáceis de administrar, aplicáveis a um grande grupo de pessoas simultaneamente e por essa razão possuem um custo reduzido. Além disso,

quando o anonimato é assegurado, as pessoas tendem a compartilhar informações mais facilmente e se o mesmo questionário é passado para todas as pessoas, as informações obtidas são mais uniformes. Como os questionários geralmente são aplicados para todas as pessoas ao mesmo tempo, os dados são mais precisos.

No entanto, também há algumas desvantagens quanto ao uso dos questionários de acordo com os autores. Entre as principais, estaria o retorno reduzido dos mesmos, porque algumas pessoas se dispõem a responder e outras não e, segundo os autores, um pequeno retorno influencia a validade dos resultados. Outro problema levantado seria que os questionários não são apropriados para as pessoas que não sabem ler e escrever na língua usada. Isto é especialmente relevante para a pesquisa em segunda língua, quando os sujeitos muitas vezes têm problemas de leitura e não conseguem prover respostas na língua que estudam.

Diante disso, os questionários foram traduzidos para a Língua Inglesa, pois os respondentes eram alunos de capoeira cuja proficiência em Língua Portuguesa não necessariamente privilegia as habilidades de leitura e escrita.

Seliger e Shohamy (1989) também afirmam que os questionários podem variar quanto a sua estrutura. E o tipo de dados obtidos varia de acordo com o grau de estruturação dos procedimentos empregados. Assim, dados de natureza mais descritiva são produzidos a partir de questionários abertos, como ensaios e narrativas, ao passo que dados nas formas de números e graduações serão a partir de questionários estruturados. Optamos por conjugar os dois tipos, como veremos adiante.

Ainda de acordo com os autores, existem muitas técnicas que podem ser utilizadas para obter dados nos questionários. Escolhemos a escala de Lickert (1932) apud Seliger e Shohamy (1989), cuja gradação de 1 a 5 é atribuída a cada resposta dos entrevistados indicando se discordam plenamente (1), discordam (2), não sabem (ou estão indecisos) (3), concordam (4) e concordam plenamente (5). A média aritmética de cada item foi utilizada de modo a privilegiar o caráter qualitativo do uso das respostas.

Elaborou-se um questionário a partir de um modelo utilizado por Berwig (2004), que em seu estudo avaliou a presença dos estereótipos culturais em relação aos brasileiros junto aos alunos de português para estrangeiros que residem no Brasil. Além desse objetivo principal, o questionário também continha

perguntas que diziam respeito às crenças em relação à aprendizagem do português e à importância da língua materna do respondente e da língua portuguesa num mundo globalizado, todas foram mantidas.

Houve supressão de todo o conteúdo concernente à aprendizagem de PL2E em sala de aula e autoavaliação da percepção de progresso individual na aquisição da segunda língua, por não se tratar do ambiente pesquisado.

Foi utilizada uma mesma lista de adjetivos para caracterizar tanto o povo do entrevistado quanto o povo brasileiro. Para cada característica, valores de 1 a 5 eram atribuídos como já fora explanado anteriormente. E a mesma escala também foi empregada nas questões sobre o comportamento do povo brasileiro e dos capoeiristas, já partindo do pressuposto que os últimos, independente da origem, apresentariam as características do primeiro pelo menos na roda.

Ao término deste processo, obtivemos como resultado um questionário composto de sete questões objetivas e outras três subjetivas, mesclando assim características de questionários mais e menos estruturados. Das questões subjetivas, as duas primeiras se relacionam às questões objetivas imediatamente anteriores e a última se trata de uma questão aberta para que o entrevistado comente à vontade sobre o que o mesmo acabara de responder e dê qualquer informação adicional que julgasse necessária.

Os dados gerados para esta pesquisa, de acordo com o seu design definido neste capítulo, serão oriundos de duas fontes que buscaremos que se complementem. A primeira é a própria descrição do jogo da capoeira. O caráter etnográfico e participante desta análise qualitativa visa ao levantamento das características da sociedade brasileira a partir dos teóricos pesquisados que de fato são percebidas no jogo da capoeira.

A segunda fonte, os questionários aplicados aos capoeiristas estrangeiros nos Estados Unidos, tem por objetivo aferir o quanto da cultura brasileira é de fato percebida pelo praticante de capoeira independentemente de sua origem e do local onde ele tem contato com a mesma.

A partir daqui, antes de uma tabulação mais formal dos dados, reservaremos algumas linhas para descrever do ponto de vista de pesquisador participante as condições em que os questionários foram aplicados.

Entre os dias 26 de novembro de 2012 e 02 de dezembro de 2012, visitamos três escolas de capoeira em Manhattan, na cidade de Nova Iorque,

Estados Unidos, onde pude buscar informações *in loco* com praticantes oriundos de diversas partes do mundo que habitavam a cosmopolita cidade americana.

Fomos recebidos na *Manhattan Movement* pela Graduada Aeróbica, uma japonesa que começara a praticar capoeira há quase dez anos com Edna Lima, integrante do grupo ABADÁ (a maior associação de capoeiristas do mundo) cujo trabalho em Nova Iorque completa 25 anos em 2013. O local possui um luxuoso conjunto de salas onde são ministradas aulas de vários tipos de dança de hora em hora. Ali, numa sala com barras de apoio para alongamento, espelhos e até um piano, Aeróbica dava instruções em Inglês, mas não traduzia os nomes dos movimentos ou as cantigas, embora sobre estas, fizesse algum comentário de caráter explicativo.

Na visita ao *Harlem Police Athletic League Center*, a roda de capoeira acontecia numa bela quadra polivalente onde atividades esportivas que integram um projeto social para crianças e adultos que moram nos arredores são oferecidas gratuitamente. Outro discípulo de Edna Lima, o americano Furacão, foi quem nos recebeu falando um Português com sotaque ora baiano, ora carioca, com um sorriso no rosto e bastante interessado sobre interculturalismo, com a propriedade de quem já viveu cinco anos no Brasil e viajou o mundo jogando Capoeira, que pratica há 18 anos.

Depois de treinar e jogar na roda, os capoeiristas foram convidados a permanecer ali para que eu explicasse um pouco sobre a pesquisa que estava realizando. O próprio Furacão definiu os que estariam aptos a responder, o que aumentou consideravelmente a adesão. Diante do tema, ele ainda contou algumas situações pitorescas vividas por ele em encontros culturais pelo mundo e convidou alguns alunos a cantar músicas de capoeira sob a avaliação de um brasileiro: eu, que prontamente empunhei o berimbau e fui ser jurado.

O último local visitado foi o internacionalmente reconhecido **Capoeira Angola Center of Mestre João Grande**. No terceiro andar de um prédio no West Village, o discípulo do maior nome da Capoeira Angola, Mestre Pastinha (1889-1981), criou um pedaço da Bahia. Aos 80 anos e há mais de vinte em Nova Iorque, João Grande recebe gente do mundo todo neste andar decorado com muitas fotos, certificados (entre eles o de Doutor Honoris Causa pela universidade de Upsala, em New Jersey), berimbaus, quadros, telas, plantas e um altar com os santos das religiões afro-brasileiras. Ali quem nos recebeu foi Anjo, um

americano filho de pais latinos que nos informou em bom Portunhol que o mestre tivera um imprevisto em sua viagem para Europa e só chegaria no dia seguinte.

Além de ter tido a oportunidade de assistir às aulas e jogar nas rodas, pude conversar muito com todos os praticantes de capoeira que ali estavam e entrevistá-los tanto informalmente quanto formalmente através dos já mencionados questionários.

2.8.3. Perfil dos entrevistados

Num universo de aproximadamente cinquenta capoeiristas, foram realizadas vinte e nove entrevistas neste formato de questionário, das quais quinze serão consideradas para esta pesquisa. Foram descartadas as que não tiveram o cabeçalho totalmente preenchido, as que foram respondidas por menores de idade ou por brasileiros e as que não preencheram pelo menos 50% do questionário.

Com idades entre 24 e 41 anos, os quinze capoeiristas cujos questionários serão analisados eram de diversas nacionalidades. Além de quatro americanos, havia cinco respondentes da República Dominicana, três do Japão, um de Porto Rico e ainda um canadense e um filipino.

Deste total, onze já tinham visitado o Brasil, cinco deles o fizeram com a finalidade exclusiva de participar de eventos de capoeira, outros cinco informaram que se tratava de viagem de férias e apenas um respondeu que visitara o Brasil para realizar intercâmbio acadêmico.

Das perguntas que delineavam o perfil dos entrevistados, duas já tratavam especificamente da relação entre Língua Portuguesa e Capoeira. Primeiramente, há quanto tempo o entrevistado jogava Capoeira, e, logo a seguir o tempo que já estudava Língua Portuguesa. Os dados estão tabulados abaixo:

TABELA 1

Idade	Tempo de capoeira	Estuda Português
24	2 anos	2 anos
25	2,5 anos	2,5 anos
27	1 ano	1 ano
29	4 anos	2 anos
30	6 anos	6 anos
32	1 ano	menos de um ano

33	4 meses	4 meses
34	10 anos	5 anos
37	4 meses	não estuda
37	18 anos	18 anos
37	2 anos	1 ano
37	9 anos	4 anos
39	8 meses	recentemente - Rosseta Stone
40	5 anos	5 anos
41	6,5 anos	6,5 anos

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012

Embora a Capoeira seja o canal que propicia ao estrangeiro o contato com a Língua Portuguesa e a Cultura Brasileira, não são todos os entrevistados que se consideram aprendizes de Língua Portuguesa por estarem jogando Capoeira. O ensino formal do idioma em escolas goza de certo prestígio numa etapa posterior de interesse do estrangeiro na aquisição do PL2E.

Além da capoeirista de 33 anos que afirmou não estudar Língua Portuguesa, sua colega de 32 anos afirmou estar jogando há um ano e aprendendo há menos tempo. Dois outros comentários também nos chamaram a atenção nesse sentido: uma dominicana de 39 anos que jogava há oito meses respondeu que começara recentemente a ter aulas num instituto de Línguas (Rosseta Stone) e, finalmente, uma porto-riquenha que usou a expressão **informalmente** para caracterizar o seu aprendizado de português na Capoeira, que já praticava há dois anos, e acrescentou que estudava online há aproximadamente um ano.

O conceito de nacionalidade aqui empregado foi o de **país de nascimento**, justamente em razão do caráter cosmopolita da cidade de Nova Iorque. Embora isso tenha sido exposto verbalmente, alguns questionários foram preenchidos com a nacionalidade americana acrescida ao país de origem, para representar a situação de direito internacional também atribuída ao termo nacionalidade.

A seguir, uma tabela com a idade, a nacionalidade e as línguas faladas pelos capoeiristas entrevistados em Manhattan.

TABELA 2

Idade	Nacionalidade	Primeira Língua	Segunda Língua	Terceira Língua	Quarta Língua
39	Rep. Dominicana	Espanhol	Inglês		
32	EUA	Inglês	Espanhol		
37	Porto Rico	Inglês	Espanhol	Português	

37	Japão	Japonês	Inglês		
41	Rep. Dominicana	Inglês	Espanhol	Português	
37	EUA	Inglês	Espanhol	Português	Francês
27	Filipinas	Filipino	Espanhol		
33	Japão	Japonês	Inglês		
39	Japão	Japonês	Inglês	Português	
24	EUA	Inglês	Espanhol		
29	EUA	Inglês	Português		
34	Rep. Dominicana	Espanhol	Inglês	Português	
40	Rep. Dominicana	Espanhol	Inglês	Português	
30	Canadá	Francês	Inglês	Português	Espanhol
25	Rep. Dominicana	Espanhol	Inglês	Português	

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

Uma curiosidade no quadro acima foi o fato de que o capoeirista filipino de 27 anos apesar de ter respondido por escrito às questões formuladas em Inglês e de ter sido abordado oralmente nesta língua, o mesmo não mencionou a Língua Inglesa como Segunda Língua ou Língua Estrangeira neste campo, o que acreditamos ter sido apenas um ato falho.